

Sessão Arte Apresenta

Continuação dia 25 de Novembro

Sábado - 17 horas

Auditório da FACTHUS

Aberta à toda Comunidade.
Créditos para as Atividades
Complementares.
PARTICIPEM!!!

“Memórias do Cárcere”

O Livro e o Filme

Ciclo Néelson Pereira dos Santos

Graciliano Ramos (1892-1953) é um dos mais importantes escritores brasileiros. Esteve preso sem culpa formada, sem processo, sem nada. Contudo, essa circunstância permite o surgimento de suas *Memórias de Cárcere* (1953), superior a *Recordação da Casa dos Mortos* (1860), de Dostoiévski, o grande romancista russo, também vítima de arbítrio.

Néelson Pereira dos Santos (São Paulo/SP, 1928-) possui filmografia de mais de vinte longas metragens de ficção, iniciada no idos de 50 com pequena obra-prima, que é, malgrado suas deficiências, *Rio, 40 Graus* (1955). Daí para cá suas realizações apresentam pontos altos (*Vidas Secas* 1963; *Como Era Gostoso o Meu Francês*, 1971; e *Memórias do Cárcere* (1984), baseado no livro homônimo de Graciliano Ramos).

Esse segundo encontro entre o romancista e o cineasta repete a performance do primeiro, com *Vidas Secas*. Só que, agora, o gênero da obra é diverso. Não, contudo, o destino do romancista e da personagem Fabiano, de *Vidas Secas*, no que tem de fundamental em suas origens e desvios de destino.

Um e outro, nordestinos. Fabiano é arrancado de seu *habitat* pela concomitante incidência dos desequilíbrios da natureza e da organização social.

Graciliano, pelas injunções da política e pela força do arbítrio e da prepotência. Depois disso, suas vidas não são mais as mesmas. Ambos vítimas da violência, fisicamente fragilizados e humilhados. Um dos casos em que autor e personagem, guardadas as devidas proporções e, principalmente, diferenciações, têm igual sorte.

O cineasta, nesses filmes, capta e reconstitui o essencial de seus percursos, percalços e perplexidades, tais quais fixados nas obras originais.

Talvez porque não seja obra de ficção com suas sutis percepções pessoais e liames relacionais interpessoais, no filme *Memórias do Cárcere* o cineasta, também já mais maduro e experiente e testemunha de regime ditatorial semelhante, atinge maior grau de identificação com o protagonista, no caso, o próprio autor do livro. A técnica da memorialística, com a direta auto-revelação, permite essa abordagem mais aproximativa.

O fato é que *Memórias do Cárcere*, o filme, mantém, cinematograficamente, muitas das virtualidades do livro. Tem-se, neste, a corporificação, em imagem, da postura humana do escritor e do constrangimento – físico, intelectual e moral – que lhe é imposto. O filme não é a imagem do verbo, mas, materialização e visualização física dos acontecimentos.

Mas, como tal, e dentro desses limites, configura-se grande obra cinematográfica, aliando fidelidade conceitual - superior à simplesmente fática - a rigor criativo e competência. Desde o *décor* à seleção, direção e interpretação dos atores e a utilização dos recursos da câmera, tem-se filme de alta fatura, no qual nenhuma cena é dispensável nem de duração menor ou maior do que o necessário. O equilíbrio, a segurança e a isenção (ideológica e política) completam a lista de seus atributos.

Guido Bilharinho